

MODO DE VIDA GUARANI

MBYA GUARANI

MODO DE VIDA

MBYA GUARANI

Aldeia Itaty

Morro dos Cavalos – SC

Textos escritos pelos alunos do 1º Ano do Ensino Médio.

Aldeia Itaty – Cacique – Eunice Antunes

Professores de ensino médio:

Adão Karai Tataendy Antunes

Eunice Antunes

Pesquisas feitas por estes alunos, como avaliação escolar:

Eliziane Antunes

Aládio Bolantin Mariano

Leandro da Silva Euzébio

Diego Ferrei

Luiz Karai Papá Mariano (48 anos, avô de 9 netos)

Editado pela Epagri/Gerência de Marketing e Comunicação (GMC)

Tiragem: 1.000 exemplares

Impressão: Dioesc

Responsável pelo trabalho com povos indígenas:

Rose Mary Gerber

Geraldo Buogo

Revisão: Abel Viana

Fotos: Carmem Aires Mariga

Arte final : Zélia Alves Silvestrini

Ficha Catalográfica

ALDEIA ITATY. *Modo de Vida: Mboia Guarani*. Florianópolis : Epagri; Morro dos Cavalos, SC: Escola Indígena de Ensino Fundamental e Ensino Médio Itaty, 2014. 33p. (Epagri. Documentos, 249).

Caderno - Índio guarani; Modo de vida; Alimentos; Artesanatos; Ervas medicinais.

ISSN 0100-8986





APRESENTAÇÃO

Falar de vida guarani é como beber de uma fonte inesgotável de vida, o difícil mesmo é escrever sobre o tema, pois da fonte bebemos a água, a escrita é apenas uma ilustração da água e não mata a sede.

O modo de vida guarani vem neste pequeno espaço representar o cotidiano de vida dos alunos da escola Itaty.

A escola Indígena Itaty, na Terra Indígena Morro dos Cavalos, tem 50 alunos do 1º ano das séries iniciais ao ensino médio. Na alfabetização, até o 3º ano, as aulas são ministradas somente na língua guarani; nas séries seguintes são inseridas a língua portuguesa e outras disciplinas. Do 6º ao 9º ano, os alunos estudam as disciplinas em dobro, pois estudam em duas línguas, ex.: história guarani e história portuguesa. Ao chegar ao ensino médio, o aluno estuda por temática e, dentro das temáticas, todas as disciplinas que uma escola de ensino regular ensina. Mas o desafio maior é que a avaliação final de cada aluno é uma pesquisa feita durante o curso, sobre a questão indígena.

O objetivo das pesquisas é registrar a história guarani que servirá para outros alunos que estarão se beneficiando dos trabalhos e enriquecendo cada vez mais nossa biblioteca escolar.

Os registros aqui escritos são apenas uma apresentação da pesquisa de cada aluno do 1º ano do ensino médio, sendo que a conclusão final de cada pesquisa será apresentada no final de 2014.

Esperamos aguçar a curiosidade de todos que lerem este livro, pois tudo o que foi aqui registrado faz parte de uma realidade vivida dentro de uma escola, dentro de uma comunidade e dentro de uma cultura.

A importância maior, que tem uma grandeza infinita, é o sentimento na forma que são transmitidas as informações. Por muitas vezes, esses pensamentos e ensinamentos foram passados e repassados por rituais dentro da casa de reza e hoje transitam em outras formas, dentro das salas de aula.

O carinho, o respeito e as emoções serão refletidas no momento em que você estiver lendo todas estas informações com o coração aberto e com a mente livre.

Esperamos que tenham uma ótima leitura e que Nhanderu esteja com todos.

KEREXU YXAPYRY





Alvado.



SUMÁRIO

| | |
|---------------------------------|----|
| MODO DE VIDA MBYA GUARANI | 7 |
| Eliziane Jera Antunes | |
| CULTURA E RELIGIÃO | 8 |
| Leandro da Silva Euzébio | |
| RELIGIÃO E ALIMENTAÇÃO | 10 |
| Luiz Karai Papá Mariano | |
| ALIMENTOS TRADICIONAIS | 15 |
| Aládio Bolantin Mariano | |
| MORADIA | 20 |
| Diego Ferreira | |
| TERRITÓRIO | 24 |
| Adão Karai Tataendy Antunes | |
| GLOSSÁRIO | 31 |







Modo de vida Guarani

Antes da chegada dos europeus, a vida dos *Mbya* era muito humilde. A ética e a moral, o respeito pela natureza, eram a base importante na educação do povo.

Quando estavam precisando de algum remédio, eles sempre pediam para *Nhanderu* e sempre cortavam do lado onde o sol nasce, para que sempre, quando o sol vinha, abençoasse a planta.

Os *Mbya* tinham uma época para caçar; eles sabiam em que época cada animal estava com filhotinhos. Caçavam uma espécie de animal de cada vez, e apenas aquele que já era adulto. Quando pegavam um animal, todos da aldeia comiam juntos.

As pessoas da aldeia estavam sempre dispostas a ajudar uns aos outros, quando um estava precisando.

Antigamente o modo de vida era muito diferente. Não existia a tecnologia de hoje, eles viviam em muita harmonia.

Hoje a bebida alcoólica praticamente tomou conta dos Guarani.

A avareza era uma palavra que não existia no meio do povo *Mbya*.

Eliziane Jera Antunes





CULTURA E RELIGIÃO

Religião, desde a existência do nosso povo Mbya Guarani, sempre vem fazendo parte do nosso cotidiano.

Até hoje o nosso povo vem preservando-a com muita força para que possamos nos fortalecer a cada amanhecer.

Petyngua

É um objeto sagrado muito valioso, usado em ocasião muito delicada, como para curar pessoas muito doentes. Não era usado por qualquer pessoa, era usado pelos *Xeramõi Kuery*.

Tinha *petyngua* que era usado por homens, mulheres e os restantes.



Os homens usam muito quando vão sair para caçar, para que *Nhanderu* (Deus nosso Pai Criador) ilumine o caminho deles, que nada de mal aconteça, para espantar todo espírito mau que tem ao seu redor.

Nas histórias contadas pelos nossos avós mais velhos, antigamente crianças e adolescentes não podiam andar ou brincar à noite, principalmente as meninas de 10 a 12 anos, que estão na idade de menstruação.

Depois da primeira menstruação, seus cabelos são cortados bem curtos e colocados em *nhimbe* (cama). Não podem sair nem comer carne durante 2 meses, só têm a companhia da mãe e das *kunhã karai*, para que os espíritos maus não se aproximem dela (*ndojepotai anguã*), porque depois de 2 meses ela já está passando a ser moça. Depois disso, ela começa a ajudar a sua mãe a fazer comida, varrer oka etc. Já está pronta para namorar, mas obedecendo as regras.

Casamento

Segundo o professor Adão, o casamento acontecia de certa forma: o homem que se interessava por uma moça tinha que mostrar para os pais dela que podia ser bom marido. Tinha que levantar cedo, esquentar água para tomar chimarrão. Depois disso ele saía para trabalhar, pescar ou buscar lenhas etc. Não celebravam com festas, não era como o dia de hoje.

Leandro da Silva Euzébio



RELIGIÃO E ALIMENTAÇÃO

Para religião dos Guarani, de tudo o que existe na terra, vem em primeiro lugar a *Opy* (casa de reza). Segundo, educação: respeitar a natureza, não judiar dela, das matas, dos rios, das fontes, das cabeceiras d'água... Para cortar as madeiras, tem que pedir a *Nhanderu*; para pescar e caçar, também.



A religião fala para não comer comida ou carne de caça sem autorização do *Karai*. Como a religião dos Guarani fala, quando o milho é plantado tem que madurar bem para daí o *Karai* autorizar a comer. Sem consagrar o milho, ele pode fazer mal.

As carnes também, quando uma aldeia caça, enquanto os *Karai* não fizerem cerimônia de consagração, ninguém come, ela pode fazer mal. Rapazes ou moças que comerem o espírito podem ter problemas. As caças não devem ser comidas antes de ser defumadas (consagradas)

com *petyngua* pelo *Karai*. Depois de ser fumaçada, ele autoriza para comer. Isso é um ritual que tem que ser feito antes de comer qualquer caça. As pessoas que comem caça sem fumaçar ficam medrosas, sem respeito com os parentes, ficam sonâmbulas. Isso é religião.

Qualquer carne deve-se cozinhar bem para comer, pois pode acontecer de o sangue estar vivo e o espírito desse animal entrar nas pessoas e elas ficarem loucas. Quem come carne crua e com sangue vivo pode ter pesadelos e até perder a memória, daí se dá *ojepotá*.

Com as plantas é a mesma coisa: tem que colhê-las e levá-las à *Opy* para louvar *Nhanderu* por nova colheita. É através das plantas que *Nhanderu* é louvado e as crianças recebem os nomes. Pois *Nhanderu* vem para receber o louvor e fala com o *Karai* quando ele batiza as crianças.

De tudo que existe na terra ou nos céus a religião fala que tem alguém que cuida. Por isso os antigos falavam que para caçar, pescar, colher, para cortar alguma árvore ou mato para fazer lavouras ou para fazer armadilha, só se vai quando o *Karai* autorizar. Se o *Karai* não falar, ninguém pode fazer nada, nem trabalhar. Às vezes o *Karai* sonha que *Nhanderu* falou com ele. Por isso ninguém pode sair, pois ele está sabendo que algo irá acontecer, algum perigo espera. No outro dia, o *Karai* recebe a ordem lá de cima, daí libera o povo para trabalhar.

A dieta dos adolescentes

Antigamente, os *Karai* não permitiam aos adolescentes algumas caças, como a raposa, porque se alguém comer, ficava muito preguiçoso, muito vagaroso. Por isso os antigos não deixavam comer. Falavam também que algumas caças de pelos somente os adultos podem comer, porque se os adolescentes e crianças comerem podem sofrer dor de dentes, e até cair os dentes. Os antigos falavam: “filhote de caça é veneno para os dentes”, por isso que até agora na religião é proibido comer filhote de tatu, de quati e pinto: não pode comer.

Também não pode comer miolo da caça, porque fica velho bem cedo, fora de tempo, o cabelo fica branco antes da idade de bem velho.

Quando os casados tiverem filho, ficam por 40 dias sem comer carne nem o pai nem a mãe, porque pode fazer mal a criança. Ao crescer, pode ser doente, pode ser deficiente. Também quando a mulher está em dieta, o homem tem que dormir sozinho até ela ficar forte de novo. Aí o homem pode voltar a dormir junto. Mas enquanto não fazer as regras, ele fica sozinho. Ele que tem de dar de comer pra ela, fazer tudo enquanto ela está de dieta. Dois meses depois dos 40 dias ela pode voltar a fazer os serviços do dia a dia.



Essa é a religião dos Guarani, que os antigos antepassados deixaram. Era assim que a religião ensinava antes do contato com outra cultura. Agora ainda se faz alguma parte, e assim relembramos nossos avós que já foram embora da terra; nos lembramos pouco das coisas passadas que eles nos deixaram.

Meu pai falou tudo isso pra nós, até hoje lembro as histórias sobre religião, sobre a *Opy*.. Agora tudo mudou. Religião não é como antigamente: todas as noites rezavam homens, mulheres, crianças, jovens, velhos, todo mundo adorava *Nhanderu*.

Todos gostavam de ir na *Opy* conversar com *Karai*, ouvir conselhos do *Karai*. De manhã cedo às vezes até quinze pessoas iam a *Opy* ouvir o que o *Karai* ia contar, todo mundo sentado em redor do fogo para ouvir o *karai* contar as histórias e conselhos para os mais jovens. Enquanto isso as mais velhas ensinavam as moças a fazer artesanato e comida. Conselho não faltava. Era assim que os Guarani viviam.



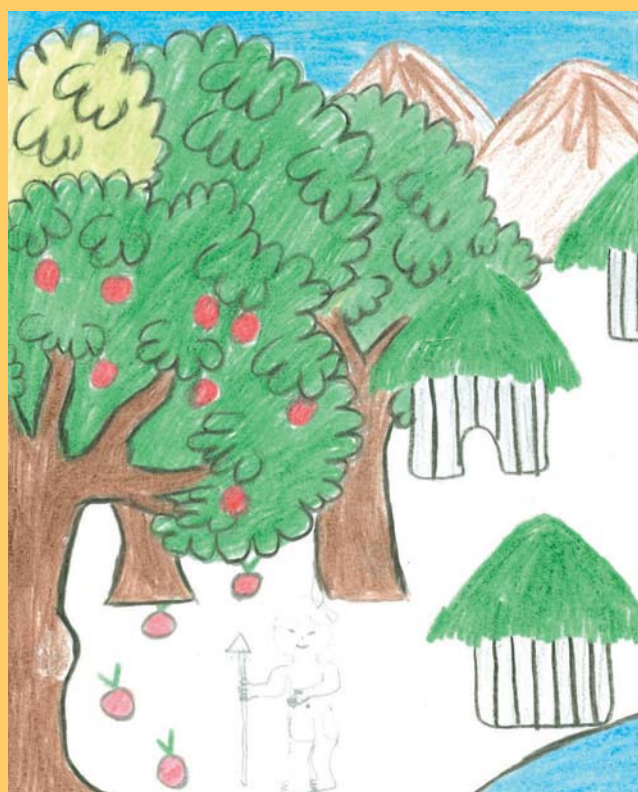
A religião fala de nos lembrar da alimentação. “Se a gente comer isso faz mal”, “este vai fazer você ficar velho cedo, fora do tempo”. As comidas faziam mal para homens, mulheres e crianças também.

Os meninos ouviam conselho dos velhos, falando das coisas que faziam. Até ensinavam a comer as comidas, os pais falavam para comer só do mato e dos rios.

Agora terminou, nem no mato não tem mais coisas para comer.

Mas nós Mbya ainda guardamos as nossas culturas e tradições vivas no nosso coração.

Luiz Karai Papá Mariano





ALIMENTOS TRADICIONAIS

São os alimentos que os Guarani comiam antes da chegada dos europeus.

Antigamente os Guarani comiam *mãji´o* (mandioca), *avaxi* (milho), *komanda* (feijão), *jety* (batata doce), *andaí* (abóbora), *manduvi* (amendoim), *xãjau* (melancia), *eí* (mel), frutos da mata, caça e pesca. Essas comidas são típicas, naturalmente fazem alguém satisfeito.

***Avaxi ete* (milho tradicional guarani)**



Tinha várias espécies de *avaxi*: amarelo, pintadinho, roxo, branco e vermelho. Todas elas podem-se comer assado ou cozido.

Vários alimentos são feitos com o *avaxi*, como *kanjika* (canjica), *kaguijy* (bebida fermentada do milho), *mbytá* (pamonha assada), *avaxi ku'i* (paçoca de milho), *mbaipy* (polenta ou mingau de milho), *mbojapé* (bolo de milho), *mbeju* (beiju) e *rora* (farofa de milho).

Kanjika

É feita de milho duro, colhido quando a folha do milho ficava seca. Levavam para descascar e colocar no pilão pra socar. Colocavam algumas gotas de água. Após alguns minutos, o grão se transforma em pedacinhos, e depois podia cozinhar e comer com mel. Com *kanjika* é feito o *kaguijy*.

Kaguijy

É uma bebida feita pelos Guarani. Depois de socar no pilão os grãos do milho da *kanjika*, colocavam na panela grande para cozinhar. Enquanto

cozinhava, preparavam a farinha, que também é feita do milho, faziam a massa, preparavam as bolinhas feitas com a mão e colocavam na panela junto com a *kanjika*.

Depois de alguns minutos retiravam as bolinhas já cozidas e colocavam na bacia. As moças mastigavam. Elas mastigavam as bolinhas cozidas para adoçar a bebida, e depois a massa era colocada novamente na panela e cozinhada mais alguns minutos.

Colocavam numa vasilha tampada para fermentar. Depois de cinco dias estava pronto pra se tomar.



Mbytá

Mbytá é feito com milho verde. Ralam a espiga e assam na folha do próprio milho.

Avaxi ku'i

Torravam-se os grãos do milho na panela e depois levavam ao pilão pra socar, retiravam a farinha, e já estava pronto a *avaxi ku'i*.

Mbaipy

Era ralado, colocavam água na panela, esperavam a água ferver e depois colocavam pouco a pouco o milho ralado, mexiam com a colher de madeira até ficar uma polenta. *Mbaipy* era feito pra comer com carne de caça, peixe e *yxó* (larva da palmeira).

Mbojapé

Para fazer o *Mbojapé*, o milho era colocado numa cesta de taquara e ficava na água durante uma semana para amolecer. Depois socavam o milho e peneiravam para tirar a farinha.

Depois faziam a massa e colocavam na brasa para assar.



Manduvi



Os *Mbya* plantavam *manduvi* (amendoim). Culturalmente, dizem que é a castanha que traz o nome do sol. É o alimento dos deuses (*Nhamandu'i*). É uma castanha da terra que é afrodisíaco e com muita fibra.

O amendoim comiam com milho torrado e socado, com sementes de abóbora torrada e socada, que são um bom vermífugo, se comer em jejum.

Coquinho de Jerivá

O coquinho da palmeira jerivá é um ótimo alimento fibroso e de muita sustância.

Antigamente, nós socávamos no pilão e colocávamos água para fazer o suco.



Yxó



Do caule da palmeira jerivá se cria yxó (larva comestível). Essa larva não tem intestino, seu intestino é como um fio de linha muito fino onde somente passa a seiva da palmeira.

Nós ainda comemos até hoje.

Batata de ta'íá

Esse é um alimento igual à batatinha. É uma batata muito boa para fazer ensopado com peixe.

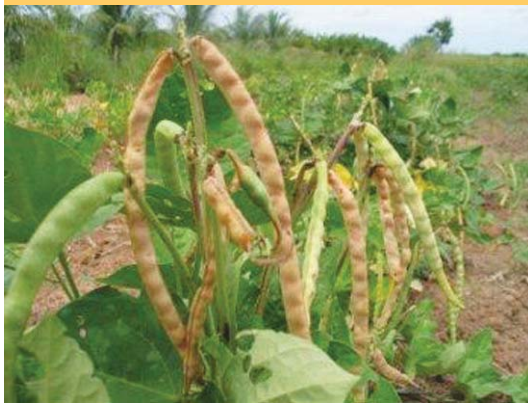


Mãji'o

Mãji'o (mandioca) é conhecida por todo o Brasil e America Latina. Comemos assada, cozida, com carne, com feijão e com mel.



Komandá ropépuku



Komandá ropépuku (feijão de corda) tem de várias cores, mas o mesmo gosto.

Mbeju

Mbeju (beiju) é feito com farinha de mandioca ou de milho.



Yxau

Antigamente nossos avós comiam barriga da formiga saúva, mineira.

Essa formiga é muito rápida para minar em terra fértil. Faz muitos ninhos, a 1,5m de fundura.

Quando está com a barriga cheia de ovos, elas voam. Nesse momento que os velhinhos colhiam milhares delas para arrancar a traseira cheia de ovos, torravam numa panela e comiam com qualquer mistura.



Aládio Bolantin Mariano





MORADIA

Antigamente os Guarani viviam em uma casa simples e confortável. Tinham várias formas de construir: construía-se casa de palha, pau a pique, e casa de taquara. Como os *Mbya* caminhavam muito, eles simplesmente deixavam suas casas e iam para outros lugares.

Eles deixavam não porque queriam, mas porque era preciso, porque eles precisavam plantar vários tipos de alimentos, como: abóboras, melancia, milho, amendoim, batata-doce, aipim (mandiocas).

A terra para nós é sagrada (*Yvy Rupa*), é a Mãe Terra, porque nós sabemos que sem a terra não temos de onde tirar o nosso sustento. Nós sabemos também que se nós plantarmos cada ano no mesmo lugar a terra vai sofrer vários danos e vai morrer. Os *Mbya* precisam deixar a terra se recuperar para que a terra desenvolva bem para o futuro plantio.

Os *Mbya* deixavam suas terras para preservar, para os filhos e netos, no dia em que eles voltassem para aldeias antigas. Sabendo isso que os *Mbya* se mudavam, mas sem esquecer aquele lugar em que já se viveu.

Tekoa é o lugar onde existem as condições de se exercer o modo de ser Guarani. E por isso, depois de longos anos, os *Mbya* sempre voltavam, pois a terra ainda era sua.

Antigamente, Guarani viviam entre famílias. Havia poucas *tekoa guaçu* (aldeias grandes), onde se viviam em torno de quinhentas (500) famílias ou mais. Mas havia famílias que se afastavam ou simplesmente se mudavam da *tekoa guaçu*. Iam para a mata viver de um jeito que eles queriam viver, sem que alguém interferisse. Assim eles iam junto com esposa, e levavam seu filhos, filhas e genros, para serem os futuros líderes.

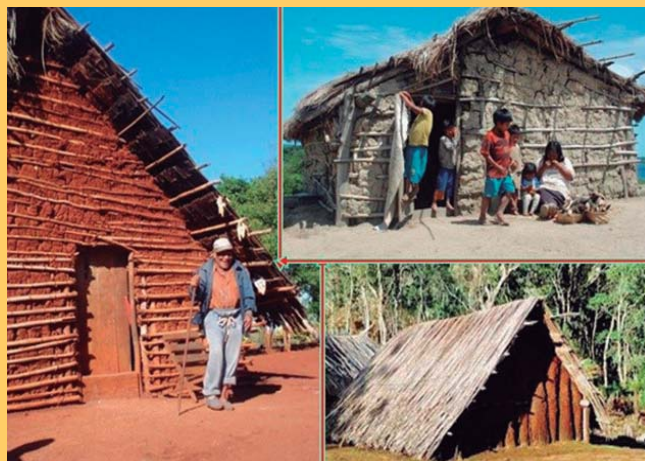
O filho mais velho comandava as famílias, ou mesmo um genro. Mas antes de o filho ficar no lugar do pai ele tinha que aprender várias coisas, como caçar, pescar, fazer armadilha, fazer casas etc. A casa exige muitos trabalhos e determinação.

As casas são bastante resistentes, pois elas são construídas com a utilização de taquaras e troncos de árvores. A cobertura é feita de folhas de palmeiras ou palha. Uma casa dessas pode durar mais de 20 anos. As casas desse tipo não possuem janelas, porém, a ventilação ocorre através da porta e entre as taquaras da parede. Costumam apresentar uma porta apenas.

Casa dessas é como uma térmica natural. Dentro dela o ar é fresquinho no verão, a temperatura é de 24° a 28° graus, e no inverno é de 29° a 34° graus. Mesmo fazendo uma fogueira dentro dela, a temperatura simplesmente não muda. É tão bom dormir ao redor da fogueira, fazer fogo dentro da casa. Assim nos aquecemos nos dias de frio do inverno.

Antes de o inverno chegar, nós *Mbya* jovens sempre juntávamos lenha, primeiro para *xejary'i* e *xeramõi* (nossos avós) e *ha'í* e *xeru* (nossos pais), depois para nós mesmos, assim ninguém passava frio.

Nós *Mbya* tínhamos uma alimentação bastante natural, pois consumíamos os alimentos que nós mesmos plantávamos e retirávamos da natureza. Nossa alimentação é muito saudável porque não tem a presença de agrotóxicos nas frutas ou nos alimentos que consumimos. A base da nossa alimentação é reforçada pela mandioca, pelo milho, por carne de caça e pesca, frutas silvestres, palmitos, larva de palmeira etc. Na aldeia, o preparo dos alimentos é de responsabilidade das mulheres, os homens são responsáveis pela caça e pesca.



Só que agora isso está mudando, porque hoje nós temos casas de material.

Muitos *Mbya* pensam em dinheiro e começam com empreitadas, alguns fazem artesanato, assim muitos *Mbya* vivem nesse mundo de comércio. Vão para as cidades grandes para tentar vender seus artesanatos ou simplesmente esperam a chegada dos visitantes não índios.

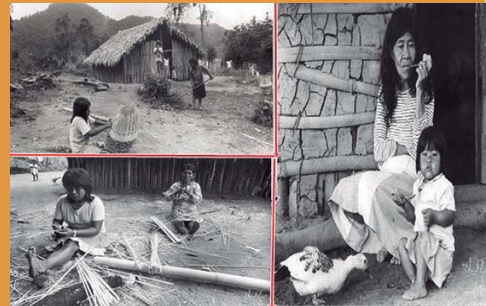


Mbya moderno

As casas de hoje são muito mais evoluídas, e para muitos jovens de hoje são mais interessantes, porque agora dentro da casa já tem vários tipos de eletrodomésticos, móveis etc.

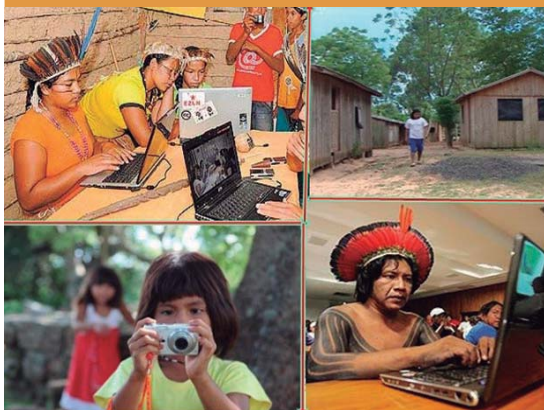
Mas tem muitos *Mbya* que vivem embaixo de uma lona. As casas que antigamente construíam agora já não têm mais como ou onde conseguir material para fazer.

Aqueles que não têm condições de ter uma casa moderna digna, querem fazer uma casa tradicional. Mas são proibidos de entrar na mata porque tem muita ameaça de fazendeiros. Eles têm medo de morrer. E se não for fazendeiro, tem *Ibama* que proíbe de vivermos como antigamente. Assim muitos vivem na beira de estradas brasileiras em condições precárias, sem ajuda de ninguém.



Os costumes e a moradia dos *Mbya* mudaram porque não temos mais condições de morar e viver os costumes de antigamente; não temos mais terras suficientes para que possamos viver de modo que gostaríamos de continuar vivendo. A mata não oferece mais muitas coisas de antes, para podermos viver em moradias como as do passado.

Assim, agora muitos *Mbya* Guarani, jovens principalmente, só vivem com a tecnologia que, de algumas maneiras ajuda, mas também atrapalha a vida dos jovens *Mbya*, principalmente a internet, que mais atrapalha. Para alguns que sabem usar, ajuda muito; para alguns que não sabem usar, atrapalha mais do que ajuda.



A nossa cultura está ameaçada por causa disso, muitos jovens não querem mais viver ou usar a nossa cultura, os mais velhos se preocupam porque muitos jovens só utilizam redes sociais e assim ficam até altas horas na internet, esquecem da aldeia e da convivência com os pais, e assim cada vez mais perdem seus costumes.

Os jovens de hoje não dão mais importância para a cultura do passado, não conversam mais com seus pais, não visitam mais a aldeia, não sabem mais o que a aldeia precisa para melhorar, se desligam totalmente do mundo indígena. Isso preocupa demais os mais velhos.

Para aqueles que sabem usar, a tecnologia é uma ferramenta para a luta pelo direito dos povos Guarani. Assim, divulgam tudo que é feito, como em documentos e vídeos para a internet, fortalecendo a nossa luta.

Muitos jovens de hoje estão interessados em políticas indígenas, assim a luta pelo nosso direito continuará a existir.





TERRITÓRIO

Um desafio constante com o qual o povo Guarani convive há muito tempo refere-se à negação, por parte de políticos, da imprensa e dos *juruaá*, de nossa existência no litoral do Brasil em 1500. Muitos meios de comunicação dizem que os Guarani vieram do Paraguai.

Mesmo que os Guarani viessem do Paraguai, em 1500 não existia Paraguai nem Brasil, mas existiam, sim, os territórios de vários povos originários, que não deviam sequer ser chamados de índio. Todas as etnias do tronco Tupi falavam uma só língua.

Os governantes, legislativos, judiciários e executivos, teriam que estudar a fundo a história do grande povo Guarani. Onde podem provar que os Guarani estavam somente na região do Paraguai em 1500?

Chegada dos europeus

Em 1500, dia 22 de abril, os nativos que se auto denominavam *Nhande*, estavam tranquilos em seu território, aguardavam *Tupã Míri* ou *Tupa'i* (a visão de deus), que a qualquer momento poderia aparecer lá no horizonte acima do mar azul. O *Yvyra'ija* (líder religioso supremo) falou aos seus *Opita'i* (líderes da cura):

“Olhem que parece algum *apyká* (nave de Deus que leva os fiéis à terra sem mal) chegando”.

Foi um alvoroço! Todos se acordaram para receber os “deuses” que estariam chegando. Muitas interrogações surgiam: será que ele, *Nhamandu*, está vindo para levar alguém? Levar-nos todos? Virão para

nos visitar e voltarão? O desconhecido objeto foi se aproximando da praia e do mato. As crianças começaram a cantar:

“Nhamandu mirĩ ejo katu ore mbyte py Karai ejo katu ore mbyte py. Karai ejo, Karai ejo, Karai ejo ejo katu ore rekoa re”. (“Bem-vinda, Divindade, em nosso meio, vem Senhor, Senhor vem, vem na nossa comunidade”).

As mulheres correram em um grande grupo para recebê-los enquanto as crianças cantavam *“Karai ejo Karai ejo ejo katu”*. As mulheres os encontraram na praia e começaram a investigar: pegavam nos cabelos, nas roupas, cheiravam por todo o corpo e gritavam: *“iné’i va’é aguarane’i ramingua”*, gritavam em coro: *“aguarane’i aguarane’i”*, e riam bem forte. Daí surgiu a nome *“guarane’i”* (guarani).

Os nativos falavam todos de uma só vez, dizendo vários adjetivos aos europeus: *“São os cabelos na boca”*, *“juru’á nhande aguá, nhande já guá kuery”*, e assim os pensamentos e imaginações iam surgindo.

Os europeus também iam dando vários adjetivos: conforme ouviam as palavras na língua desses nativos, iam denominando os Tupi *“tupa’i nhande*, Guarani ou *aguarané’i*, e os fatos foram acontecendo sem intervenção de nenhum lado. Troca de presentes, perguntas sem respostas de ambos os lados, rituais tanto de um lado quanto do outro, e o desentendimento continuava.

Os nativos receberam os europeus como se fossem deuses, mas com certa desconfiança, por não falarem a mesma língua. Os europeus realizaram a primeira missa e os nativos entenderam que a cruz simbolizava o mapa da terra sem mal ou poderia ser o calendário dos nativos. Assistiram o ritual com muita atenção para ver se entendiam alguma coisa.

Os dias foram se passando e os nativos foram observando algumas práticas contrárias à ordem dos seus deuses: os europeus derrubavam árvores, botavam fogo na mata, e os Guarani concluíram que eles não eram deuses, eram *anhakuery*. Os *xeramõi kuery* contavam que eles vieram do lado de *anharentã* (norte) e por isso não eram de *Yvyju*, pois *Yvyju* fica do lado de *kuarayouá* (leste). Pois no leste está o *Tupã Mirĩ*; no norte está o *Jakairá*, o deus que criou *juruá*.

Os jesuítas começaram a entender a língua *Mbya* e se entenderem com eles. Daí começou na verdade um diálogo verdadeiro entre padres e nativos. A partir daí os nativos entenderam para que os jesuítas vieram. Aconteceu o que eles acreditavam desde a chegada dos estranhos. Conseguiram separar os anhanguera dos jesuítas. Os nativos acreditavam

que os jesuítas eram da parte de *Nhanderu kuery* (dos deuses), daí seguiram os jesuítas.

Os padres batizavam todos os nativos que lhes davam crédito, cada nativo batizado era chamado de cristão e recebia três padrinhos, que os *Mbya* chamavam *pa'i* (apadrinhados).

Mas os *Karai* não aceitavam que os batizados na religião dos padres acontecesse na *Opy*, pois eram diferentes na maneira de crer.

Escravidão

Os portugueses tentaram escravizar os *Mbya*, mas eles não sabiam, nem queriam trabalhar da maneira que os portugueses trabalhavam. Para os *Mbya* não existe a palavra trabalho. Traduzido, trabalho significa “*jexava'i*” (sofrimento). O *Mbya* não trabalha: plantar, caçar, coletar e pescar é lazer, e se diz “*mbapó*” (fazer).

Depois que os portugueses viram que os *Mbya* não gostavam de trabalhar, passaram a caçá-los como bichos. Mas os padres os protegiam e tentavam explicar para seus patrícios que os *Mbya* tinham almas e eram muito inteligentes e religiosos. Muitos *Karai* rebanharam centenas de *Mbya* e esconderam no mato. Como eles sabiam esconder-se, os portugueses não conseguiam achá-los.

Daí em diante virou guerra entre *Mbya* e europeu, os outros povos que não fugiam se deixavam escravizar ou morriam na mão dos malvados europeus. Se não fossem os jesuítas, os europeus teriam exterminado os *Mbya*.

Os jesuítas arrebanharam os *Mbya* e os ensinaram a fabricar violino, rabeca, violão, a cuidar de rês, plantar árvores frutíferas, saladas e a fazer outras engenharias. Os batizados na religião dos padres viviam com seus padrinhos e aprendiam a cultura e religião europeia.

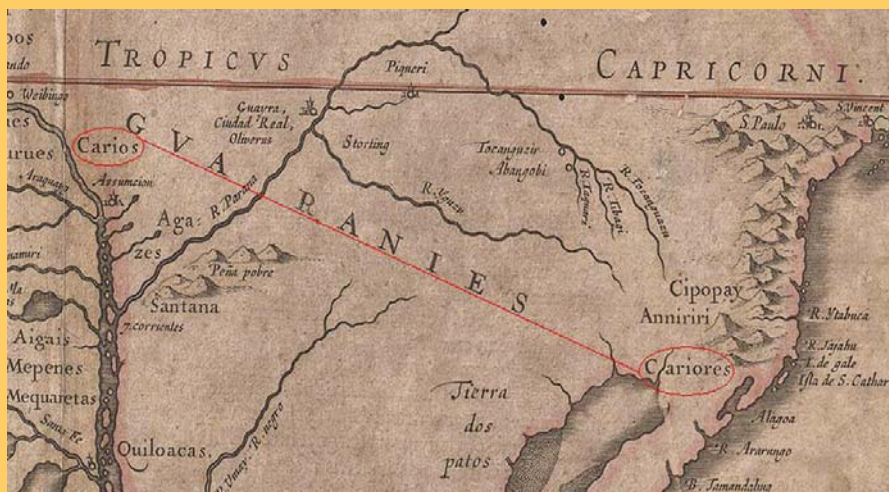
Os jesuítas descobriram que os *Mbya* tinham plantas, espécies de várias sementes, espécies de vários tubérculos, cultivavam várias espécies de árvores frutíferas e animais selvagens. Então entenderam que tinham uma cultura e falavam uma língua muito linda e sagrada.

Os europeus portugueses e espanhóis começaram a brigar pela disputa de territórios e com isso foram tomando o restante de terras que estavam em poder dos jesuítas com os *Mbya*.

Os jesuítas foram expulsos do Brasil e os *Mbya* ficaram ao léu, sem terra, sem seus *tupa'i kuery*, e os portugueses e espanhóis foram tentando acabar com eles.



Território atual



Esta relíquia disponibilizada pela Biblioteca Digital Mundial (<http://www.wdl.org/>) pode auxiliar a encerrar com sistemáticas denúncias de anti-indígenas que tentam denegrir a imagem do povo indígena Guarani e suas atuais denominações, Mbyá, Avá Guarani, Xiripa, Nhandeva, Apapocuva, entre outras, que sobrevivem aos mais de 500 anos de massacre e expulsão de seu território milenar.

As Terras Indígenas no sul, sudeste e centro-oeste do Brasil que são demarcadas para este povo sofrem com esta polêmica. Como o caso das áreas em Santa Catarina que estão com processos demarcatórios paralisados por ações judiciais que afirmam que os Guarani atuais não são nativos do estado de SC, mas sim os Carijós, como diz a literatura.

Fonte: *Acorda Terra!*: notícias e reflexões sobre os rumos do planeta Terra. Disponível em: <<http://acordaterra.wordpress.com/2010/03/10/mapa-de-1616-aponta-territorio-guarani>>. Acesso em: 1 set. 2013.

Além de tomar seu lugar sagrado, os europeus foram dividindo as terras entre portugueses e espanhóis, e hoje essa briga continua causando muitos problemas entre *Mbya* e europeus. Um governo fica jogando os *Mbya* de uma divisa a outra, dizendo que *Mbya* do Brasil é do Brasil, *Mbya* do Paraguai é do Paraguai e *Mbya* da Bolívia é da Bolívia.

Assim, a culpa fica nos *Mbya*. Mas para nós *Mbya*, não tem Brasil nem Argentina nem Paraguai nem Bolívia: tudo é nosso território tradicional.

Quem fez essas divisões entre países foram os *jurua*. Para nós, nossa terra vai de sul a norte e do pôr do sol até o Oceano Atlântico. Sendo Guarani do tronco Tupi, é o mesmo povo.

O branco que criou toda essa divisão de povo, de país e de estado.

Nosso território não tem divisão.



Prof. Adão dando aula sobre o tema.

Adão Karai Tataendy Antunes





GLOSSÁRIO

- **Mbya Guarani:** ser humano com sentimentos
- **Nhanderu:** Deus maior, nosso Pai criador
- **petyngua:** cachimbo
- **Xeramõi:** avô ou mais velho
- **Xeramõi kuery:** os avós
- **nhimbe:** uma espécie de cama
- **Kunha Karai:** líder espiritual feminino
- **ndojepotai anguã:** para não ser transformado em outro ser
- **oka:** pátio
- **Opy:** casa de reza
- **Karai:** líder espiritual
- **ojepotá:** humano com característica de animal
- **mãji'o:** mandioca
- **avaxi:** milho
- **komanda:** feijão
- **jety:** batata-doce
- **andaí:** abóbora
- **manduvi:** amendoim
- **xãjau:** melancia
- **eí:** mel
- **avaxi ete:** milho tradicional guarani
- **kanjika:** canjica
- **kaguijy:** bebida fermentada de milho
- **mbytá:** pamonha assada
- **avaxi ku'i:** paçoca de milho torrado
- **mbaipy:** polenta ou mingau de milho
- **mbojapé:** bolo de milho assado na brasa
- **mbeju:** beiju de milho ou mandioca

- **rora**: farofa de milho
- **yxó**: larva do tronco da palmeira jerivá
- **Nhamandu’i**: divindade do Sol (’i – representa tratamento afetuoso)
- **ta’iá**: batata taiá
- **komandá ropépuku**: feijão de corda
- **Yvy Rupa**: Mãe Terra
- **tekoa**: aldeia
- **tekoa guaçu**: grande aldeia
- **Xejary’i**: vovó
- **ha’í**: mãe
- **xeru**: meu pai
- **juruá**: homem branco
- **Nhande**: nós (se referindo como povo Mbya)
- **Tupã Miri**: pequeno relâmpago
- **tupã’i**: nome que os *Mbya* deram aos jesuítas
- **YvYra’ija**: líder supremo (“dono do bastão”)
- **Opita’i**: líder da cura (curava as pessoas doentes)
- **apyká**: transporte dos verdadeiros espíritos
- **Nhamandu miri ejo katu ore mbyte py Karai ejo katu ore mbyte py. Karai ejo, Karai ejo, Karai ejo ejo katu ore rekoa re**: “Bem-vinda, Divindade, em nosso meio, vem Senhor, vem Senhor, vem na nossa comunidade”.
- **Karai ejo Karai ejo ejo katu**: “vem, nosso guia, vem”
- **iné’i va’é aguara ne’i ramingua**: “fedido como graxaim”
- **aguarane’i**: “graxaim fedido”
- **juruá nhande aguá, nhande já guá kuery**: “homem que veio do mesmo lugar que viemos, do mesmo criador”
- **tupa’i nhande**: “os nossos jesuítas”
- **anhakuery**: os demônios
- **anharentã**: morada dos demônios
- **Yvyju**: terra sagrada (*Yvyju Miri*)
- **kuarayouá**: nascer do sol
- **Jakairá**: o deus terreno
- **Nhanderu kuery**: os deuses
- **pa’i**: padre
- **jexavaí**: sofrimento
- **mbapó**: fazer
- **tupã’i kuery**: os jesuítas



Banco Mundial

